

O ESPORTE COMO PAPEL DE UMA REUNIÃO SOCIAL

Danielle Fabiane Martins *

Ricardo Rezer*

Rosângela Laura Ventura Gomes de Castro *

Viktor Shigunov **

Resumo

Ao afirmar-se que o esporte é um fenômeno social de grande relevância nos tempos modernos, com certeza não se estará expressando uma novidade, mas sim, revelando um mundo que necessita sempre ser estudado. O universo esportivo pela magnitude que assumiu atualmente, alicerçado por várias bases, sejam elas, econômicas, sócio-antropológicas ou psicológicas, não pode ser olvidado ou relegado à segundo plano no mundo moderno. O estudo teve como objetivo apresentar e discutir diferentes possibilidades do esporte, mas sempre afirmando ser uma reunião social, com diferentes papéis e diferentes expressões, em diferentes locais e para diferentes populações. O esporte pode ser encontrado na escola, uma das manifestações mais controversas, nos clubes esportivos, nas ruas, nos parques, tendo como consequências a violência, a mídia especializada, os materiais, as roupas, os equipamentos, envolvendo milhares de pessoas, para conceber, fabricar e manter informados e destacar os acontecimentos do mundo esportivo. Devemos destacar também que o esporte pode ser praticado por diferentes pessoas, com diferentes idades, tendo diferentes objetivos com a sua prática, sejam eles de competição nos diferentes níveis, de lazer ou aprendizagem escolar.

INTRODUÇÃO

“O universo do esporte compreende espetáculo, profissão, ciência, arte, política, lazer (ativo e passivo), prática, técnica, educação e investigação” (FEIO, 1978 apud MOLINA NETO, 1996, p. 11).

O esporte que conhecemos hoje é um produto das profundas transformações produzidas pela Revolução Industrial na Europa dos séculos XVIII e XIX. Houve relação entre o aumento do tempo de lazer, em parte induzido por esta Revolução e a difusão do esporte entre a população operária e urbana. A partir do final do século XIX, o movimento esportivo inglês estava pronto para ser exportado. Embaixadores, administradores coloniais, missionários, comerciantes, marinheiros e colonos encarregaram-se de difundir o esporte pelo mundo (BETTI, 1997, p.19). No século XX o esporte tornou-se um fenômeno de expansão mundial, estendeu-se com uma rapidez que até agora não se observou em nenhum movimento social. A Inglaterra foi também pioneira em aceitar e utilizar o esporte como meio de educação.

* Mestrandos do Curso de Mestrado de Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina

** Professor do programa de Mestrado da UFSC

Com base em Gunther Lüschen, Kurt Weis e Jean-Marie Brohm apud BETTI (1997, p.35) podemos definir esporte como uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve, com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, por uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde, sendo seu resultado determinado pela habilidade e pela estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca (prazer, auto-realização, etc.) como extrinsecamente.

Evidentemente que um universo como este apresentado desperta interesses significativos atualmente em vários centros de estudo e isso determina que pesquisadores, professores e outros estudiosos, das mais diversas áreas, procedam a um amplo processo de investigação sobre o assunto. Neste trabalho abordaremos a aprendizagem social em alguns dos campos de estudo do esporte.

ESPORTE NA ESCOLA

O tema esporte na escola é um dos temas mais controversos na discussão esportiva, pela paixão que suscita, por sua abrangência, por várias possibilidades de enfoque, tudo isto gerado pela falta de mais pesquisas sob diferentes aspectos e diferentes realidades escolares.

A socialização significa o processo de transmissão dos comportamentos socialmente esperados. Mais especificamente, a socialização para o desempenho de determinado papel social envolve a aquisição de capacidades (habilidades) físicas e sociais, valores, conhecimentos, atitudes, normas e disposições que podem ser aprendidas em uma ou mais instituições sociais, como por exemplo, a família, a escola, o esporte, e ainda através dos meios de comunicação.

A necessidade de ocupar-se com a questão da sociabilização e da aprendizagem social numa perspectiva didática da educação física resulta, por um lado, da análise da realidade social do esporte, como um campo no qual as relações e ações sociais são de importância central; por outro lado, os problemas diários do professor de educação física obrigam a considerar com mais profundidade as relações sociais oferecidas ou influenciadas pela educação física e, dependendo do caso, a procurar modificá-las.

A inclusão e início de programas de esportes na escola tem sido, freqüentemente, baseados na crença comum de que a participação no esporte é um elemento de socialização que contribui para o desenvolvimento mental e social (LOY et al. 1978 apud BRACHT, 1997, p. 75); e FARINATTI (1995, p. 44) complementa afirmando que a prática físico-desportiva proporciona à criança muitas oportunidades de contato social, na medida de seu amadurecimento psíquico.

Muitos pedagogos da Educação Física/Esporte têm realçado a contribuição da atividade esportiva na socialização das crianças, contribuição essa que tem sido utilizada como justificativa para a inclusão da Educação Física nos currículos escolares. Neste sentido, as muitas considerações tecidas, indicam que a criança através do esporte aprende que entre ela e o mundo existem “os outros”, que para a convivência social precisamos obedecer determinadas regras, ter determinado comportamento (OBERTEUFER/ULRICH, 1977 apud BRACHT, 1997, p.58); aprendem as crianças, também, a conviver com vitórias e derrotas, aprendem a vencer através do esforço pessoal; desenvolvem através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, entre outras questões. Todas estas afirmações têm em comum o fato de serem afirmações que identificam

um papel positivo-funcional para o esporte no processo educativo; privilegiam os aspectos positivos funcionais camuflando, desta forma, os disfuncionais.

No entanto, ao lado destas afirmações que consideram positivo-funcional o resultado do processo de sociabilização através do esporte, poderíamos listar outras que indicam no sentido contrário, como por exemplo: pelas regras das competições, o esporte imprime no comportamento as normas desejadas da competição e da concorrência (PARLEBAS, 1980 apud BRACH, 1997, p59); as condições do esporte organizado ou de rendimento são simultaneamente as condições de uma sociedade de estruturação autoritária; o ensino dos esportes nas escolas enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, e dá a estas um caráter estático e inquestionável, o que não leva a reflexão e ao questionamento, mas sim, ao acomodamento e na linguagem de WEIS, 1979 apud BRACHT, 1997, forja um “conformista feliz e eficiente”; o aprender as regras significa reconhecer e aceitar regras pré-fixadas. Assim, podemos dizer que a socialização através do esporte escolar pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes como condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso país, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista. Assim, como vimos, realmente o esporte educa. Mas, educação aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão adaptar-se à sociedade capitalista. Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento, e não ao questionamento.

Como pudemos verificar, sob um enfoque distinto, temos também valorizações diferentes do produto do processo de socialização que ocorre no esporte infantil (BRACHT, 1997, p.59).

Como mencionamos anteriormente, estas características que o esporte escolar apresenta não são geradas no seio do próprio esporte, e sim, são o reflexo mediatizado da estrutura social em que se realiza, ou seja, da sociedade capitalista. Se quisermos empreender uma tentativa de superação da tradicional concepção de aprendizado social que, no esporte, enfatiza o respeito incondicional e irrefletido às regras, que dá a estas um caráter estático e inquestionável e que não leva à reflexão e ao questionamento, mas ao acomodamento, precisamos determinar, em coerência com nossas idéias educacionais, o que deveria buscar o aprendizado social no esporte e como alcançá-lo.

BRACHT (1997) fez um estudo comparando duas metodologias para o ensino do basquetebol. A primeira é a Metodologia Funcional-Integrativa (MFI), na qual as atividades das aulas são norteadas pela seguinte estrutura: primeiro momento – reunião com os alunos para planejamento e decisões prévias sobre a aula; segundo momento – realização do jogo eleito; terceiro momento – paralisação do jogo com discussão, reflexões e propostas para a continuidade da aula; quarto momento – testagem das soluções e variantes; quinto momento – avaliação e planejamento da aula seguinte. Cumpre assinalar que poderá ocorrer, no decorrer das aulas, mais de uma paralisação da atividade, desde que o desenvolvimento assim exija.

E a segunda é a Metodologia Tradicional (MT), que neste estudo o método utilizado pelos professores foi o parcial, no qual o esporte é ensinado e aprendido através da prática separada de seus fundamentos básicos e, após o domínio desses, o esporte propriamente dito é então desenvolvido e praticado.

No estudo foram analisados seis itens: nível de participação, contatos sociais, formação de subgrupos, participação na resolução de conflitos, aceitação nas mudanças de regras e mudança de regras/expressão de idéias.

Genericamente verificou-se que, nas aulas desenvolvidas com a MFI, ocorreu um índice maior de comportamentos positivos do que nas aulas desenvolvidas com a MT. De acordo com a metodologia utilizada no presente estudo, isso equivale dizer que a utilização da MFI propicia uma vivência social diferenciada de quando é utilizada a MT.

Tratar no ensino dos jogos esportivos unicamente dos gestos técnicos ou das regras esportivas internacionais, sem relacioná-las com os interesses e a realidade dos educandos, continua, em nosso entendimento, a não ocorrer para o desenvolvimento de uma visão crítica do esporte. Por isto, na metodologia que Bracht propôs, a MFI, além de buscar a eliminação da dominação pela autoridade, sem no entanto renunciar o direito e o dever do professor de indicar uma direção, indicadora do compromisso político assumido, procura-se mostrar o esporte numa perspectiva crítica, onde os alunos possam realmente “fazer” o seu esporte levando em consideração as características de sua realidade infantil e existencial (social, econômica política, cultural), e não apenas praticar o esporte (BRACHT, 1997, p. 107).

Como nos mostra a Carta Brasileira do Esporte na Escola (1989):

“O Esporte na Escola, cedendo lugar ao esporte de performance e permitindo o direcionamento (...) à busca do alto rendimento e de uma frágil revelação de talentos, distanciou-se dos princípios e valores inerentes ao (...) Esporte-Educação”.

Mais adiante, consideram-se três pontos fundamentais: a) “... o direito de cada um ao esporte abrange (...) portadores de deficiências e superdotados e (...) deve obedecer a preceitos distintos”; b) “... no Brasil, as (...) manifestações de Esporte-Educação foram, na sua maioria, reproduções do esporte institucionalizado”; c) “... o Esporte (...) em suas diversas manifestações é um dos elementos-chave no processo de permanente educação para o direito inalienável ao lazer”. “... que o esporte na escola seja concebido não como (...) veículo de transmissão de conteúdos mas como (...) ação de criar e (re)criar a cultura, a partir da qual são constituídos valores e propostas de sociabilidade” (FARINATTI, 1995, p. 21).

Assim, a participação no esporte pode afetar a criança de uma forma negativa ou positiva, dependendo das experiências sociais à que são submetidas e a que princípios da aprendizagem social lhe são solicitados, podendo ser aplicados no contexto esportivo para otimizar os resultados da participação das crianças (SHIGUNOV, 2000).

Para que se tenha uma reformulação nas práticas esportivas deste país, é necessário que atuem com consciência crítica, principalmente na escola, onde a relação esportiva pode-se tornar democrática, prazerosa e despertar nas crianças e adolescentes o gosto pelo movimento e um engajamento dessas atividades no contexto do processo educacional, político e, principalmente, social.

ESPORTE E CO-EDUCAÇÃO

Como vimos, anteriormente, o esporte, se ministrado de forma correta, ajuda na sociabilização das crianças, mas então, porque é ministrado separado para meninos e meninas, se eles convivem numa mesma sociedade?

Conhecendo-se as condições históricas da Educação Física, sabe-se que o uso, quase exclusivo, do esporte nas escolas tem sido um importante mecanismo de reforço à estereotipia sexual. E a discriminação sexual em aulas de Educação Física é resultado da conformação de consciências estereotipadas que se dá no processo de socialização das pessoas. E historicamente as pessoas têm em mente que no esporte (incluindo na escola) deve-se seguir suas regras, e uma delas é a separação dos sexos. Visto que desde a Antiguidade a mulher é

socialmente discriminada no esporte, esse fato ainda existe nos dias de hoje por uma questão cultural.

O conceito de “papel sexual cultural” significa que uma série de diferenças entre homens e mulheres em nossa sociedade – inobservadas muitas afinidades entre os dois sexos – são condensadas numa imagem que é resultado de culturas (hábitos de vida, objetos de uso, comportamentos, valores, etc.) desenvolvidas diferentemente para os sexos (SARAIVA, 1999, p. 144). E a socialização para papéis sexuais no tocante às atividades em geral e ao esporte geralmente começa cedo.

Em face das condições socioculturais de desenvolvimento dos papéis (formas de comportamento), determinadas pela cultura, não se pode afirmar que “o Esporte” é responsável pela manutenção das diferenças entre os sexos na Educação Física Escolar. As causas dessas estão no processo de socialização como um todo.

Mas o professor pode amenizar esta situação, visto que

“Quanto à situação central de vida “tempo livre” para a ativação esportiva, vê-se como uma das tarefas mais importantes da educação física (referentes ao esporte) a qualificação dos jovens para as atividades esportivas sócio-comunicativas características do esporte em situações típicas de tempo livre, na família, nos finais de semana, nas férias (Dieckert, 1974). Por isto, moças e rapazes “também”(!) deveriam ser capacitados nas aulas de educação física a praticar esportes juntos, independentemente das diferenças existentes, para que esta prática esportiva seja percebida, sentida por todos como uma experiência positiva. Na prática esportiva com esta integração dos sexos ocorre um enriquecimento substancial das possibilidades de comportamentos vivências esportivas até mesmo para a vida de tempo livre presente e futura” (DIECKERT, 1985, p.105).

Nessa perspectiva, uma aula precisa incluir ofertas amplas, que até então só eram oferecidas a um ou outro sexo; deve oferecer às meninas e aos meninos as mesmas modalidades, disciplinas e exercícios, em todas as orientações de sentido esportivo; deve preparar espaços de vivências que possibilitem aos alunos entender que os modelos/padrões de conduta dos sexos são socialmente construídos, e com isso, transformáveis e não de ordem natural (SARAIVA, 1999, p. 190). E não devemos apenas transportar o esporte de alto nível para a escola, que estaremos falando de “esportes com objetivos diferentes”.

ESPORTE E DEFICIÊNCIA

Discute-se muito sobre o esporte como fator de integração para a pessoa portadora de deficiência física. Esta integração teve início com Ludwig Guttmann quando introduziu as atividades esportivas como parte essencial do tratamento médico para recuperação das incapacidades geradas por lesões medulares. Depois de estudar exaustivamente o gesto esportivo, como forma terapêutica e de integração social, iniciou o que se tornaria o desencadeador da prática desportiva entre portadores de deficiência, adaptando a prática da atividade física ao processo de reabilitação (VARELA, 1991 apud FREITAS & CIDADE, 1997, p. 61). A reabilitação buscou na atividade física novos caminhos para possibilitar a interação dessas pessoas com a sociedade, evidenciando as capacidades residuais dos

portadores de deficiência física através do esporte (ARAÚJO, 1997 apud FREITAS & CIDADE, 1997, p. 61). A atividade física e/ou esportiva, para pessoas portadoras de deficiência, significa a oportunidade de testar suas possibilidades, prevenir contra deficiências secundárias e promover a integração total do indivíduo (consigo mesmo e com a sociedade). E para MONTANDON (1992) integrar, através da prática desportiva, seria a quebra de determinadas barreiras: a primeira delas, a barreira consigo mesma, proporcionando-lhe num primeiro momento, autonomia, independência e auto-confiança, necessários para sua vida em sociedade.

Mais uma vez, devemos ressaltar, que este esporte trás benefícios se estiverem os objetivos bem claros e a metodologia coerente a estes e se houverem locais apropriados, que o deficiente tenha acesso, caso contrário, ao invés de ocorrer uma socialização, ocorrerá o isolamento da pessoa portadora de deficiência, impondo ainda maior discriminação.

ESPORTE E VIOLÊNCIA

A aprendizagem social nas reuniões esportivas não transmite somente os valores positivos e aceitos pela sociedade, mas também os valores negativos, como é o caso da violência, da dopagem, da fraude, sendo exemplos desta aprendizagem.

Certos cientistas sociais admitem que o espetáculo desportivo dá causa ao fanatismo popular e que esse fanatismo provoca a alienação social do povo. O estádio satisfaz-nos, a necessidade de viver alguma coisa em comum. Lá observou um dos seus freqüentadores, “não se tem medo de berrar, estamos entre pessoas que se compreendem; se há esnobes, eles não se denunciam por não lhes ser conveniente o local”. O povo que sente necessidade de uma comunhão social sabe que ela é satisfeita no estádio (LYRA FILHO, 1983, p.116). Os efeitos do fanatismo nada mais são que uma forma de alienação. O mesmo autor sentencia que ao entrar nos estádios o indivíduo abandona sua identidade e transforma-se em uma máquina de gritos em favor de uma só equipe, de uma idéia cega, de uma expressão coletiva.

CARVALHO (1985, p. 67-75) comenta que a violência pode ser explicada através de três teorias: 1) Teoria do Instinto: a agressividade é a expressão espontânea de um instinto inato; 2) Teoria da Frustração: o esquema estímulo-resposta é expressamente traduzido na situação frustração-agressão ou o inverso; a frustração conduz à violência e a violência pressupõe sempre um estado de frustração; 3) Teoria da aprendizagem: a perspectiva que defende que o comportamento agressivo é determinado pelas características do meio em que o indivíduo vive e, portanto sendo esse comportamento “adquirido” em função de um processo de aprendizagem por sua vez delimitado e condicionado pelo ambiente, é hoje cada vez mais reconhecido.

Os casos de violência nos desportos podem ter origem nas simples alterações de ordem, até verdadeiras catástrofes sociais. Pode-se verificar que a violência manifesta-se em dois setores: o primeiro, entre os atletas; o segundo, entre os espectadores.

O fenômeno da violência no âmbito desportivo não é privilégio deste ou daquele país, a violência desconhece fronteiras e, hodiernamente, compromete sobremaneira o objetivo desportivo e seus derivados.

Os espetáculos esportivos e as mais simples competições são freqüentados por todas as classes sociais. Nos momentos de emoção, onde a razão cede espaço às mais puras emoções, a hierarquização social desaparece, fundem-se expectativas, as diferentes paixões e os diferentes imaginários. É justamente nos estádios e ginásios lotados de pessoas que os

instintos mais primários do homem materializam-se em forma e atos violentos, como numa espécie de catarse ou revanche pela violência sofrida no cotidiano desumano e excludente da sociedade brasileira (VARGAS, 1995, p. 34).

Nós, professores de educação física, que reunimos esporte e crianças/jovens, temos mais um assunto a ser discutido em nossas aulas, auxiliando nossos alunos na aprendizagem social útil para suas vidas, e não apenas ensinar a técnica, que pouco será utilizada, na convivência em sociedade.

ESPORTE E TEMPO LIVRE

O tema esporte e o tempo livre tem ocupado muito dos ensaios de várias formas, pois, apresenta, modernamente diferentes enfoques e possibilidades.

O sedentarismo tem levado à chamada doença do século: a hipocinestesia. Esse sintoma da sociedade moderna, ao levar homens e mulheres a uma perda da qualidade de vida, fez com que esse homem percebesse a valorização da vida. E foi na busca dessa valorização da vida que surgiu necessidade de um aproveitamento mais adequado do ócio e do tempo livre de trabalho, surgindo, então, o esporte popular, o que aumentou consideravelmente a dimensão social do esporte ao introduzir-se na abrangência do novo conceito de esporte.

A realidade do fenômeno esporte apresenta-se da seguinte maneira: de um lado existe o esporte de alto nível, com suas normas e condições impressas pela comparação dos rendimentos esportivos internacionais; de outro lado, desenvolveu-se o esporte para todos, que pode ser praticado por qualquer pessoa... e, além disso, em qualquer lugar, no tempo livre de trabalho, sozinho ou com parceiros, de acordo com um ou vários objetivos e regras convencionais, durante toda a vida (DIECKERT, 1985, p.5).

Mas, a maioria dos jovens, ao terminar o período escolar, segue uma profissão de tempo integral, reduzindo seu tempo livre, ficando com pouca ligação com grupos esportivos já existentes; e a atividade esportiva, muitas vezes, somente pode ser realizada de forma informal, como esporte individual (caminhada). E devido, também, a violência urbana, a falta de locais próprios para o esporte, a condições econômicas, a falta de tempo ou muitas barreiras tanto materiais como psicológicas, fazem a maioria da população não praticar mais esporte em seu tempo livre. Percebemos, então, que o contato social no tempo livre das pessoas diminuiu muito, restringindo mais aos contatos profissionais e de festividades de datas comemorativas. Nós, professores de educação física devemos rever isto, pois uma boa educação é para a vida ativa e para toda vida.

ESPORTE E MÍDIA

O esporte profissional é viável e tornou-se possível porque existe um público disposto a pagar para apreciá-lo, para torcer, ser espectador passivo, para transformar-se em fanático consumidor do espetáculo esportivo, nem sempre belo, mas muito excitante e diversificado. O esporte contemporâneo tem sido descrito como “trabalho”, “grande negócio”, “espetáculo” modelado de forma a ser consumido por espectadores à procura de um entretenimento excitante. O esporte vem se tornando uma parte cada vez maior da indústria do lazer, e um fator decisivo para isto é o papel desempenhado pelos meios de comunicação, em especial a televisão.

É por meio da popularidade dos astros esportivos, da constante recepção de informações sobre o esporte, e da combinação com o sucesso com a imagem do produto que o esporte torna-se interessante para a indústria. Por todos estes motivos, a expressão “esporte espetáculo” parece ser a mais apropriada para designar a forma assumida pelo esporte na nossa sociedade.

A televisão torna os espectadores “autoridades” potenciais em assuntos esportivos; torna possível acompanhar eventos, personalidades e equipes em detalhes, sem sair de casa (BETTI, 1997, p.32); por outro lado, quando as pessoas se encontram, todas estão por dentro dos assuntos esportivos e constroem enormes discussões. Pessoas que nunca se viram antes conseguem falar sobre esporte por horas, numa linguagem universal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção esportiva, tendo como base fundamental a concepção da hierarquia física consagrada, determina uma instituição esportiva hierarquizada. Um primeiro tipo de hierarquia é a hierarquia das modalidades (CAVALCANTI, 1984, p. 44). Assinala que não é difícil descobrir relações entre a prática esportiva e a estratificação social.

O esporte pode ser considerado uma “válvula de segurança”, pois permite compensar as desigualdades sociais pela esperança de ascensão social. Esta transformação momentânea ocorre quando operários, camponeses e patrões entram em campo para praticar o esporte e passam, então, a ser simplesmente “atletas” que, unidos fraternalmente e usando o mesmo uniforme esportivo, passam a defender o mesmo time, mascarado, assim, as reais barreiras sociais.

Como percebemos, o esporte moderno tem seus efeitos sociais negativos: a reprodução compulsória do esporte performance na educação; a discriminação contra a mulher no esporte; as violências do esporte performance; e ainda o uso ideológico-político do esporte; e a preponderância da lógica do mercantilismo no esporte. Parece-nos que o esporte só tem efeitos negativos, mas segundo TUBINO (1992, p.40) *“o esporte, pelas suas particularidades e pelo fascínio que envolve e provoca, permite muitas vezes um mal uso de suas possibilidades de conteúdo, paradoxalmente, com as suas finalidades e até dos discursos de sua promoção como um dos melhores meios de convivência humana. Isto explica que os efeitos sociais negativos do esporte são, na verdade, utilizações tendenciosas do fenômeno esportivo”*.

Mas o esporte é muito rico, e através dele podemos ensinar muitos valores socialmente aceitos e podemos mostrar também que modelos/padrões são socialmente construídos, e com isso, transformáveis e não de ordem natural. Devemos para tanto, nós professores de Educação Física, repensar nossas ações pedagógicas, e não nos tornarmos acomodados em apenas transpor o esporte de alto nível para escola, porque estamos falando de uma profissão e nossos alunos são apenas estudantes. Devemos ter muitas informações e argumentos para apresentar, discutir e pesquisar em prol da vida ativa, da vida esportiva, da vida socialmente positiva. Podemos afirmar que se cada um fizer sua parte nós chegaremos lá... !

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BETTI, Mauro. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo.** Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem social.** 2ª ed. Porto Alegre: Magister, 1997.
- CARVALHO, A Melo de. **Violência no desporto.** São Paulo: Livros Horizonte, 1985.
- CAVALCANTI, Kátia Brandão. **Esporte para todos: um discurso ideológico.** São Paulo: IBRASA, 1984.
- DIECKERT, Jürgen, KURZ, Dietrich & BRODTMANN, Dieter. **Elementos e Princípios da Educação Física: uma antologia.** Tradução prof. M. S. Sonnhilde von der Heide. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.
- FARINATTI, Paulo T. Veras. **Criança e Atividade Física.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.
- FREITAS, Patrícia S & CIDADE, Ruth E. A. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência – uma abordagem para professores de 1º e 2º graus.** Uberlândia - BH: Breda, 1997.
- LYRA FILHO, João. **Introdução à psicologia dos desportos.** Rio de Janeiro: Sprint, 1983.
- MOLINA NETO, Vicente. **A prática de esportes das escolas de 1º e 2º graus.** 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- MONTANDON, Isabel. **Educação Física e Esporte nas Escolas de 1º e 2º graus.** Vol.2. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito.** Ijuí – RS: UNIJUÍ, 1999.
- SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre o desporto escolar: questões de formação e competências. **Revista Paranaense de Educação Física**, vol.1, n.º 1, p. 44-54, 2000.
- TUBINO, Manoel J. Gomes. **Dimensões sociais do esporte.** São Paulo: Cortez: Autores Associados (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 44), 1992.
- VARGAS, Ângelo L. de Souza. **Desporto, Fenômeno Social.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.